



# O FIGARINO

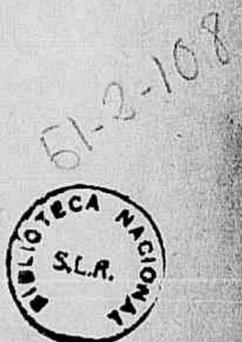


Revista Humoristica e Illustrada

ANNO 1

Fortaleza, Domingo 2 de junho de 1895

NUM. 5



Olá! . . . Agora sim D. Republica, já se pode ver com bons olhos tão distincta collega.  
 Sim senhora! . . . Neste momento sintc-me todo *amanteticolotico*. Seria o D. Ramon que transformou-a  
 assim? Leitora pianista? toque uma polka para dansarmos Vio?

## Expediente

Não aceita-se assignaturas nem  
collaboração.

Numero avulso 100 reis

## O FIGARINO

Fortaleza, 2 de Junho de 1895.



## CHRONIQUETA

Está decidido que o Passeio Público é um theatro moderno.

*Godremo di bellissimi prospetti.*

Muito bom o domingo.

As hebréas, as lindas filhas de Guetsmanni, marmorejavam phrasitas melodiosas como a musica de Poniatowski ou Felix Mendelsshon.

As walkyrias de noroeste tartamudeavam *stanzas* de Flytflagarne de Stoguelius, o sonhador scandinavio, por entre um coquetismo *Figarino-lepathico e amantenevropathico.*

«Tá pra ve o diabo!»

As iracemitas *pulgarinoticas*, trajadas a phantasia pekiniense, luvras *gris perle*, laçarotes; *filamania* estheticolopatica, — *holophotavam* a gente de uma maneira extraordinaria.

Paixões e apaixonados  
Surgiam de todos os lados.

Italianita, dengosa, veneziana, dizia a um frade cá do convento: — *Questo mi riempo di piacere.*

—Oh, sim! dizia elle. Mas eu sei rei amado?

—*Di tutto cuore.*

—Agora sim! E's um anjo.

—*Mille grazie!*

E foram se.

Uma andaluza guapa, referindo-se ao desembarque do 2.º, dizia ao seu *pirú chôco*: «Oh! senhor amico mio, yo no pensaba que hallaria un el buque que llevase un batalhon de infantaria.»

Os botocudos e frequentadores dos *book-markers* e arapucas *rifatoloticas* passavam sempre arrotando *fish-schowder* e *minst-julep*, aa embrulhada de typos galhofeiros, sujeitos imberbes, das calçadas dos estaminets requentados.

Bum! bum!

Era o D. Carrilhon criticando das tranças do bello sexo.

Comprimentavam-se os compadres cambistas, carretões, açougueiros, «draguistas», blaguistas, jornalistas, heróis de pic-nics meianoiticos, fabricantes de araras e tutanos de rôla que serve para enternecer o olhar.

Bum! bum!

Katamplan, ratamplan!

Terra como a nossa!

Ainda se fãz baptisado de bonecas e *societés violoniques cantariloticas*. O oiteiro p'ra isto é grande.

Pedimos ao povo d'Alfandega que nos mande um specimen *physionomico* dos comissionados pelo governo federal.

O pagé da tribu, por exemplo.

Vio?

Leitores? ha aqui uma coisa que nos faz dor de cabeça.

Sao estes rapases atacados n'umas *silhas* de couro com fivelões alataados...

Que diabo de coisa faia!

Antes os cinturões do povo da—  
MattaVirmem.

Credo!...

Assim è o bello sexo *empalitosado*.  
Mão...

Daqui ha pouco os bilontras andam de anagoas.

Olha lá o engano...

Vige Miria.

Agora todo mundo tem um vidrinho phantasmagorico, aleijador das caras dos outros.

Sim senhor!

Bom divertimento... Imaginem uma *titia* do *rostito* machucado, vista a travez dos vidros pequenos como fica...

Ai Jesus!

Temos sobre a banca um rotulo dos cigarros marca *Peito de vacca*,

Ora essa!

Pintaram uma cara de *chiffre*, não sei se vacca ou boi, melhor pintassem um caçote, dizendo—foi ou não foi.

A gente ve cousas...

Aquillo parece uma critica.

Vae-te.

Black.

## LA GLACE ELEGANTE

## SAUDADES

Saudade, imagem querida  
Que a noite vem povoar  
A imaginação da vida,  
Nas ondas verdes do mar.

E as sylphides diamantinas  
Vem do céu nos abraçar,  
Em revoadas peregrinas  
Nas ondas verdes do mar.

Ha momentos na nossa vida e na vida errante do marinheiro que temos saudados de um passado longinquo que o tempo em sua carreira vertiginosa cada vez afasta o mais.

Comtudo as recordações vem como um bando vivo de avesitas pipilantes, rodear a nossa cabeça, afastando-nos as sensações que renova-nos transportando-nos áquelle passado feliz do mocidade.

Os montes azues debruçam se uns nos outros, lá, onde o sol dissolve-se em pranto, na ladeira penosa do occidente.

Nas pratas longinquoas, recae a tarde triste n'agonia das sombras, nos élos do vergel,

Fogem as cidades, desapparecem as terras e os labios da noite tornam-se fechados, quentes e tranquillos.

Nossos amores, nossas aspirações, despedem-se nos atalhos do caminho da vida, desapparecendo tambem pelo labyrintho florestal.

Entao, começamos a cantar, na solidão de bombardeio, fiando as raras estrellas do céu silencioso e meridional.

Sons de flauta veem de terra; mas a espuma das vagas, as canções do vento, as harmonias do coração, fazem amortecer os pouco a pouco, descambando tudo em sons finaes.

E' o adeus da mocidade, o adeus da vida do homem.

## LAPIS TRAVÊSSO

## A TROTE LARGO

No domingo que passou-se fui passeiar no Mercado; e para o que preciso fosse levei lapis aparado.

Que confusão! que balburdia! Quanta gente e gente esturdia pelo meio dos galpões!... Ritas, Chiquitas, Totonhas de mistura com as *pamonhas*, d'aquellas de dois tostões!

Ante os charões de bananas de cinco por dois vintens vi meninas levianas pelos dedos de seus bens—sorrindo p'ros que passavam e olhares de quem queria. Comprando castanha assada vi uma typa aloirada com quem amollei um dia.

Dos *turcos* pelas *bodegas*  
 não se podia passar  
 sem levar suas esfregas  
 do moçoiro a fervilhar—  
 escolhendo grampos, fitas  
 e mais missangas bonitas,  
 nos *taboleiros* dos taes.  
 E os *salomitas* espertos  
 eram de olhos abertos  
 ou attentos por demais.

Tomando café com pão,  
 porem «café requeentado»,  
 estava o José João  
 com seu todo afidalgado,  
 tendo do frak á lapella  
 botão de dhalia amarella  
 como flor de gerimum.  
 Na garapa do Bem-bem  
 era gente como cem :  
 alva, parda, ate *tifum*!

Juntinho das tapiocas,  
 comprando *pé de moleque*,  
 vi a formosa Marocas  
 toda de chapéo e leque.  
 Encostado ao *mangunzá*  
 estava o Chico de Sã  
 armado de uma tijella.  
 Adiante—no arroz—  
 encontrei dois typos, dois,  
 um d'elles com sua bella.

Era povo «como ó diabo»  
 n'aquelle centro perdido—  
 comprando couve, quiabo,  
 milho crú, milho *cusido*,  
 maxixe, côco, feijão,  
 gerimum, toucinho, pão,  
 emfim—tudo o que havia.  
 E de D. Ramon o badallo  
 no povo causava aballo,  
 --produzia gritaria.

Dentro do quadro da Feira  
 os bons chefes de *famias*,  
 da creada ou cosinheira,  
 preparavam as bacias.  
 Uns—boa carne compravam,  
 outros—má, e resmungavam  
 por causa da carestia.  
 Vi tudo e fiquei chispando ;  
 mas por fim sahi cantando  
 o *tango* da Mae Maria.

Não sei se os leitores sa bem  
 que a nossa Ferro Carril  
 é a melhor do Brazil ;  
 e outras *honras* lhe cabem...  
 Fallo mesmo no bonito :  
 é a melhor !... Tenho dito.  
 E' a melhor !... Sebolorio !...  
 Quem desejar vomitar  
 é só n'um *bond* montar  
 e ha tomado um vomitorio.

São tantos os solavancos  
 que tomam os passageiros  
 que as vezes puiam dos bancos  
 e marram como carneiros !  
 E n'esta vadiação  
 sae um pobre da Estação

de saudinha perfeita,  
 e antes de meia hora  
 Jaz de cama, o povo chora  
 e lá vem medico e vae receita.

Kara-kala.

### CONTO REALISTA



K. Louro.

### CONTO MODERNO

Noite velha.

Nem uma estrella.

Nada.

O sol descambava para o zenith  
 plumbeo, justamente onde nasce a  
 lua, entre os cueiros das nuvens «fo-  
 toferoticas» (*nephelibata*).

Triste, melancolicamente triste,  
 vem Simôa, alegre como o luto, nova  
 como a 1.ª edição do D. Quixote,  
 agradável como um cartão de en-  
 terro.

Cega.

Cor de «cuia», levemente rubori-  
 sada por pintas de leite, cabellos  
 grandes como os de *kigado*.

O canéco da terra deu horas.

Subito, surgiu indolentemente em  
 disparada, Dêlo, seu amãnie.

Mudo.

Baixo como um velho pé de co-  
 queiro da praia, barbado como um  
 caçote, toilet irreprehensível como  
 uma sella rasgada.

Cantava como um sapo, mostran-  
 do um presente :—uma arraia bonita  
 de papel de seda com listas redondas.

Simôa bateu palmas, por ver seu  
 nome em lettaas garrafaes, typo cer-  
 po 8.

Em seguida (*francezismo*) começa-  
 ram a escabecear um no outro, como  
 frades de pedra sobre a montanha.

K. Louro.

### Noticiarete

Recebemos o n. 17 do *Pão*, esplên-  
 dida revista litteraria da Padaria Es-  
 piritual.

Traz edição especial dedicada ao  
 indosso poeta Xavier de Castro.

Ala de uma maneira secundaria  
 de nosso apparecimento, ao mesmo  
 tempo confundindo-nos com lisonge-  
 ras palavras.

Agradecemos a gentileza do colle-  
 ga.

Toque nestes ossos.

—Recebemos mais :

«A Palavra», periodico que se pu-  
 blica no Recife.

«A Pacotilha», do Maranhão.

«A Lucta», de Belem do Pará.

Agradecidos.

—Brevemente será editado um no-  
 vo poema em 2 calças. intitulado—  
 «Bagariçódias» do festejado poeta  
 Claque Moriçoca.

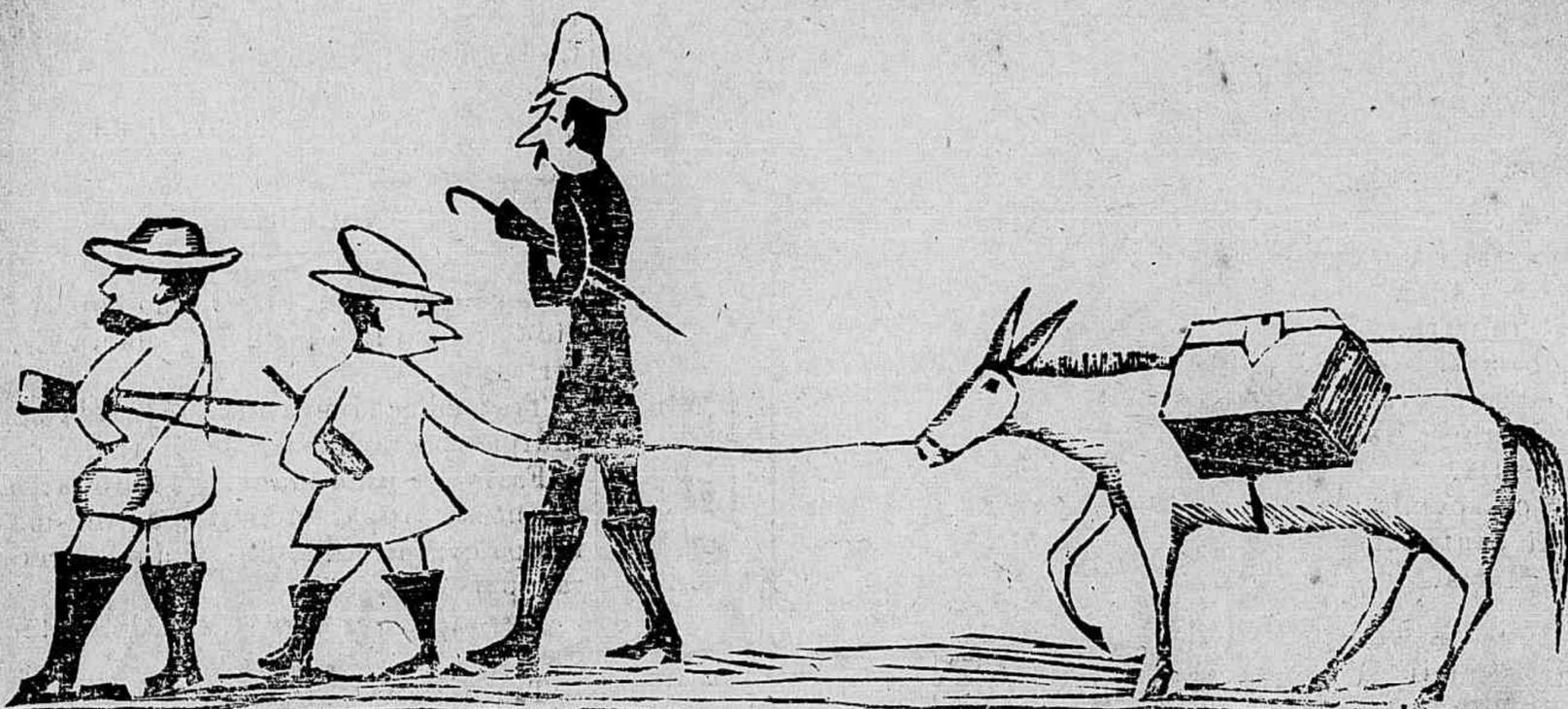
Prefacia-o o Dr. Patarata, medico-  
 parteiro, vantajosamente conhecido  
 dentro e fóra d'este mundo.



A mensagem do Dr. Prudente de Moraes parece-se com elle. E' uma fidalga velha que está sempre a convocar o parlamento.

O Peixoto tanto advogou o sindicato até que conseguiu mudar de «fatos». Anda hoje n'uma ponta mesmo franca: — De terno bonito e jaca branca!

Devido aos solavancos dos abonds o Zelosbebio está de cama, com os intestinos completamente escangalhados. Sufa!



Passou por aqui a comissão de limites da Bolivia, capitaneada pelo Sr. Gregorio Thaumaturgo, heróe das façanhas do Amazonas. Precisa que volte logo para vermos a cor. Desde já estamos promptos para comprar mais botocudos para colleção. Vio?